

SUPLEMENTO
HUMORISTICO DE

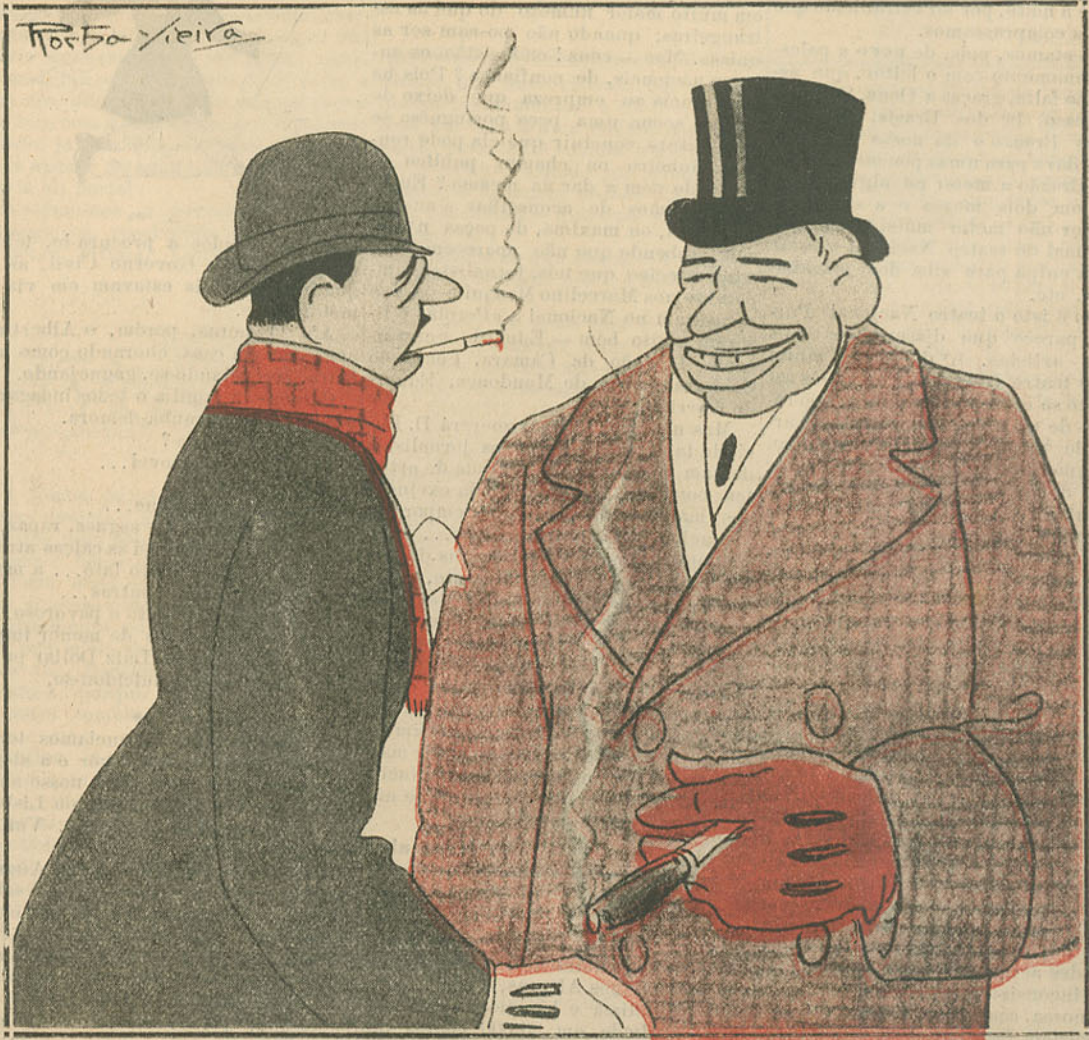
O SEculo



Redação, Administração e Oficinas — Rua de Seculo, 43, — Lisboa

Devoluto

Torba Vieira



— Não percebo como, havendo tanta falta de casas para habitações, ultimamente tem aparecido nos jornais milhares de anuncios a oferecer quartos para alugar!...

— São as ca rvoeiras...



PALESTRA AMENA

Constipação e teatros

Passamos melhor, obrigado. Depois de termos encharcado, defluxamento falando, todos os lenços que temos em casa, os panos de limpar o pó, as toa-lhas, as fraldas das camisas e outros trechos de roupa branca adaptáveis ao nariz; depois de termos gasto alguns tubos de aspirina e de ródina, em luta uma com a outra, a ver qual nos fazia gustar mais dinheiro; depois do medico nos visitar algumas duzias de vezes e de nos receitar como remedio mais effi-caz, paciencia em varias doses—acon-teceu que chegámos ao estado normal, sem que a penca tivesse sensivelmente diminuido do seu respeitavel volume. E obrigados estamos a quem procurou informar-se do nosso estado, que foi o pequeno que nos vende os jornais de manhã e á noite, por ter estranhado que não lh'os comprassemos.

Aqui estamos, pois, de novo a pales-trar amenamente com o leitor, que as-sunto não falta, graças a Deus. Só aque-le regresso, lá dos Brasís, do nosso Eduardo Brazão e da nossa Lucinda Simões, dava para umas poucas de colu-nas—o Brazão a meter na algibeira 50 contos em dois mezes e a zangar-se muito por não meter mais, a Lucinda a dizer mal do teatro Nacional e botar parte da culpa para riba dos jornalistas, etc. etc.

—Não é isto o teatro Nacional Por-tuguês, parece que disseram os dois illustres artistas, e disseram muito bem. O teatro Nacional Português seria o que se compuzesse d'um grupo re-gular — de mais de uma pessoa—de ar-tistas de primeira ordem, de outro, mais numeroso, como não podia deixar de ser, de artistas de segunda ordem, e de outro de terceira. Além d'estes tres grupos, haveria mais um, esse res-tritissimo, de artistas de honra, de re-liquias respeitaveis, que só appare-riam em scena em determinados dias de gala, para decoração e para respeito da plateia, que os receberia carinhosa e saudosamente, mas que não consen-tiria que se fatissemos.

Os artistas d'esse quarto grupo, tão necessario n'um teatro Nacional como os restantes, por varias razões, seriam, porém, para adorno da scena e não pa-ra se exporem em casas alheias. Não iriam, por exemplo, ao Brasil, por mu-ltos motivos e mais um, o qual seria o não convir que corresse o risco d'al-gum desgosto e desprestigio perante um publico que não se pode comover com as glorias passadas d'um paiz que não é o seu e que paga para que lhe dêem realidades actuais em sombras mais ou menos inconsistentes...

Em nossa casa, sim, é que tais ar-tistas seriam festejados! Os espectadores velhos, vendo-os, recordariam o brilhantismo d'outr'ora, e aponfal-osiam aos espectadores novos, fazendo ver a estes que todas as escolas são aceitaveis no seu tempo proprio, e que

a romantica não foi menos agradável do que a naturalista; os espectadores novos beijar-lhes-iam comovidamente as mãos, como a avós, e elas, as figu-ras do quarto grupo ficariam bem sa-tisfeitas com tais manifestações e, de- pois da exhibição annual ou bi-annual, recolheriam a seu lar com a certeza con-soladora de que não tinham sido esque-cidas e de que, para o não serem, não precisavam de perder as poucas forças que ainda possuíam, em tarefas só para gente moça.

...Que os jornalistas teem culpa, etc.? Estaremos por acaso, apesar de viver-mos occultos n'uma modestia que só os maldizentes nos não reconhecem, in-cluidos na busca jogada por Lucinda Si-mões?! Se estamos, por quê? Muito provavelmente porque não insistimos em que as peças portuguezas para repre-sentar no teatro Nacional devem ser em muito maior numero do que as es-trangeiras, quando não possam ser as unicas. Mas — eus! onde estão os au-tores nacionais, de confiança? Pois ha lá gerencia ou empreza que deixe de levar á scena uma peça portugueza se pela leitura concluir que ela pode ren-der dinheiro ou chamar publico — que tudo vem a dar na mesma? Então nós haviamos de aconselhar a accita-ção unica, ou maxima, de peças nacio-nais, sabendo que não apparecem? Foi acaso preciso que nós, jornalistas, im-puzessemos Marcelino Mesquita—a esse recusaram no Nacional a «Perola» e fi-zeram muito bem — Eduardo Schwal-bach, D. João da Camara, Fernando Caldeira, Lopes de Mendonça, Eduar-do Garrido, etc.?

Mas não será só isso; quererá D. Lu-cinda tambem dizer que os jornalistas deviam pugnar pela entrada de ar-tistas bons no Nacional, pela exclusão dos maus e afastamento temporario d'aqueles para outros palcos... Mas, senhora nossa, é com dez réis de mel-coado que se pagaria a tal gente, quan-do teatros particulares dão a artistas mediocres dez vezes mais do que au-ferem os de 1.^a categoria no teatro do Estado?

Fiquemos em que não temos culpa nenhuma do desgosto que o sr. Eduar-do Brazão e a sr.^a D. Lucinda Simões sofreram e que os iremos apiandir mais dia menos dia no proprio teatro Nacio-nal, onde disseram, parece, que não voltavam a pôr os pés.

J. Neutral.

ALEGRIAS E TRISTEZAS

Quem hontem corria como doido, cheio de contentamento, direito a casa, era o Domingos Alturas, o bem conhe-cido capitalista e banqueiro, cuja for-tuna, avaliada em 20.000 contos lhe tem permitido atravessar, com a fami-lia, a crise actual, tendo suprimido o jantar quotidiano mas almoçando quasi todos os dias.

Entra em casa ofegante, A mulher:

— Que tens? já ha carvão?
As filhas:

— Que tem o papá? Conseguiu ar-ranjar lenha?

O Domingos Alturas, triunfante:

— Não! Achei uma azeitona!

E mostrando, na verdade, um exem-plar d'esse precioso fruto, que um hortaliçeiro ambulante tinha deixado cair dos ceirões, caiu redondo, fulmi-nado por uma apoplexia!

* * *

Quasi á mesma hora dava-se uma scena lancinante n'um 1.^o andar da Avenida da Liberdade, onde mora o milionario Luiz Dollar. Seriam umas 10 horas da noite ainda o pequeno mais novo, o Albertinho, não tinha voltado do colegio, ele, que costumava regres-sar ai pelas 7 horas da tarde. Os cui-dados da familia eram imensos; tinham



saído os criados a procura-lo, telefo-nara-se para o Governo Civil, as es-quadras policiaes estavam em via de mobilisação.

A's 11 horas, porém, o Albertinho appareceu em casa, chorando como uma beira, arrependendo-se, gaguejando.

Cercon-o a familia o todos indagaram o motivo da estranha demora.

— Caiste na rua?

— Alguem automovel...

O pequeno:

— Não, papá: é que...

— Dize, não te en-argues, rapaz.

— E' que... rasguei as calças atraz e como não tenho outro fato... a manhã tem de me comprar outras...

O efeito foi immediato e pavoroso. En-tre outros accidentes de menor impor-tancia, o milionario Luiz Dollar puxou por um revólver e suicidou-se,

* * *

...Mas o que renunciámos termi-nantemente a descrever é a alegria que sentiu esta manhã o nosso amigo Teles, dono de 250 predios em Lisboa e de 25 quitas na provincia. Vai em duas palavras:

Atravessava o Teles a rua Augusta quando viu dirigir-se-lhe... sabem quem? o Albergaria, aquele magico do Albergaria, que partiu para a Africa haverá uns 10 anos e que era o amigo mais intimo do Teles. Surpreza, abra-ços, expansões — e o Albergaria:

— Olha, Teles: eu estou no hotel Frankfurt. Convido-te a vires hoje jan-tar comigo...

Depois do falecimento da sogra — bem boa senhora que ela era! — o Teles não tinha tido alegria tamanha!



NormalisaçãO

E' verdade que sim: os serviços da C. P. estão normalisadíssimos, conforme podemos testemunhar, porque ha três dias tivemos de ir ás Caldas da Rainha, percurso que fizemos com um atraso de 26 horas apenas.

A normalisação começou a evidenciar-se aí pelas alturas de Pero Negro, que n'esse dia estava realmente pretíssimo. Havendo o maquinista declarado que a maquina se encontrava no seu estado normal, isto é, avariada, ali nos demorámos umas 6 horas, á espera do que o futuro nos reservasse, e não esperámos em vão, porque o futuro tinha-nos reservado um comboio de mercadorias, descendente, que partira da Figueira da Foz nos fins de Setembro e que se preston, gentilmente, a ficar por aquella altura e a ceder-nos a maquina respectiva.

Lá demos mais umas arrancadas e no Outeiro da Cabeça é que estivemos para a perder—a cabeça—porque, normalmente, o comboio entendeu que não devia avançar mais, por falta d'agua. A maquina estava morrendo de sede, o que não era de admirar, porque suava em bica com a estafadeira que tinha apanhado, já com dois comboios á sua conta, e apesar da agua cair á potes, não a havia ali perto!

Apeámo-nos e comnosco todos os passageiros, resolvendo dar uma ajuda á pobre vítima. Conforme pudemos



lá a fômos puxando até o principio d'uma descida e aí a largámos. Então é que foi uma beleza de maquina! Como a descer todos os santos ajudam, não precisou mais de agua, nem de carvão nem de coisa nenhuma: escorregou vertiginosamente por ali abaixo e só tiveram mão n'ela em Runa, onde os invalidos lhe fizeram uma manifestação amistosa, porque havia menses era o primeiro comboio de passageiros que viam.

Emfim, lá chegamos ás Caldas, convencidos de que a normalidade do C. P. não é uma palavra vã e de que quem viajar sem meia duzia de caixas de pós insecticidas chega ao seu destino meio comido—como nos aconteceu a nós.

Os pianos

Final, parece que sempre vai avançar esta marmelada d'uma pessoa que tiver a espiga d'un piano em casa ser obrigada a pagar 5 escudos por ano de contribuição, para compra de livros em substituição dos que o Estado deixou estragar na biblioteca publica.

Sobre o caso, estava naturalmente in-

dicado que entrevistássemos um d'aqueles instrumentos e foi o que fizemos, em casa d'uma visinha nossa, pianista, executante eximia e permanente do «Pirilau», a qual, por sinal, se encontrava agarrada ao seu piano, como uma Madalena — que era, antes de arrependada.

Dissemos ao que iam os e o piano expoz a sua opinião, com o maior desassombro.

— Olhe: eu acho que é muito bem feito preparem-me uma contribuição, visto que até hoje não tenho sido senão prejudicial á comunidade...

— Como?

— Fui eu que fiz o casamento da avó da menina Madalena, hoje minha proprietaria. Aquela senhora quando passava algum mancebo ua rua, punha-se a tocar a «Traviata» nas minhas teclas, os rapazes paravam embevecidos, ela chegava á janela, até que houve um que caiu. Depois de casados, como ela não tivesse sido educada senão para to-



car piano e recitar ao dito, o lar foi um inferno...

— Mas outros pianos haverá...

— Cada um fa e por si. Ai, as poucas vergonhas de que tenho sido cumplice!

— Sim?

— Para não ir mais longe, com a

EM FOCO

O integralista

*Apri! que estou tremendo como um vime!
Bem se prega que está o mundo roto!
Pois não ia deitando este maroto,
Abaixo, ha oito dias, o regime?*

*Tão lindo, a precisar de quem o amime,
Tão bem vestido que até dá no goto,
E por pouco não faz um alboroto
E não pratica um verdadeiro crime!*

*Um menino de forma tão dengosa,
Tão fragil, tão subil que nem consente
Que lhe toque uma petala de rosa,*

*De espada em punho, a amedrontar a gente!
Quer que tomem a serio a pavorosa?
Ora vá-se despir, primeiramente!*

BELMIRO.

mã da menina Madalena, aqui presente. Teve oito professores de piano... e do ultimo é que honve a filha, porque os duetos com os sete anteriores não tiveram consequências de carne e osso...

— Ah! Então com todos os oito tocava a quatro mãos?...

— E a quatro pés, para não dizer a quatro pernas, debaixo dos bancos...

— E com a sua dona actual?

O piano deu uma nota desafinadissima, mas quando ia a continuar, Madalena interrompeu-o.

— Pobre amigo! Nunca mais serás o meu confidente... nunca mais te tocarei...

— Porquê? interrogámos.

— Porque não tenho os cinco escudos annuaes para dar de contribuição. Vou manda-lo para o «prégo»...

Condoemo-nos e demos os cinco escudos, compensando-nos Madalena com alguns sorrisos e a execução immediata e grande nente expressiva, do

*Cobre-me! cobre-me cobre-me!
Cobre-me! Cobre-me!
Que eu tenho frio...*

Correspondencia

ALICE. — Lindos versos! Palpita-nos que são como a cara da dona...

J. T. (SANTAREM) — Em politica somos leigos e tem os muita honra n'isso.

ALF. T. X. (PORTO). — Tambem aqui as subsistencias estão pela hora da morte, mas isso não é motivo para fornecermos palha aos parceiros.

RIPANSO. — Durma, que é melhor: acordado, não faz senão asneiras.

VIOLLETA. — Vamos ler o conto e diremos o que pensamos. E' tão ingrata a carreira das letras!

OS "SINN FEINERS"



— São apenas mosquitos, mas não sou capaz de me ver livre d'eles!